Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2023
ISSN 2178-6925

SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: como escola e família tem lidado com este tema?

ADOLESCENT SEXUALITY: how are school and family dealing with this topic?

Hemanuelly Teixeira Ricardo
Acadêmica do curso de Psicologia, da AlfaUnipac;
e-mail: manuteixeira34@gmail.com

Jéssica Santos Bruno
Acadêmica do curso de Psicologia, da AlfaUnipac;
e-mail: jelbruno1.5@gmail.com

Alcillene Lopes de Amorim Andrade
Pedagoga, Psicóloga, Mestre em Educação, professora do curso de Psicologia da AlfaUnipac, e-mail: alcileneaguia@hotmail.com

Resumo
Este trabalho aborda a temática da sexualidade na adolescência, buscando descrever como escola e família lidam com a educação sexual das (os) adolescentes, considerando que ainda há dificuldades na abordagem desse tema de forma aberta e assertiva. Além da revisão de literatura, realizou-se pesquisa de campo de abordagem qualitativa, classificada como descritiva quanto aos fins. O estudo tem como objetivo principal elucidar os desafios e avanços nas escolas e famílias na educação sexual dos adolescentes. Os resultados da pesquisa apontam diferentes perspectivas nos discursos sobre a temática, a maioria dos adolescentes preferem conversar com os amigos sobre sexualidade ou pesquisar na internet quando surgem dúvidas, os pais tentam manter o diálogo, contudo, há muitas limitações para que essa conversa aconteça. Já os professores, reconhecem a necessidade de capacitações, alguns relataram dificuldade em falar sobre o tema, por medo ou por não saber como falar. Pode-se afirmar que os adolescentes estão disponíveis para que esse diálogo se estenda e seja naturalizado, por outro lado, os pais e a escola são adversos em alguns aspectos, ambos apresentaram a necessidade da comunicação entre escola e família, no entanto, a escola considera a família como empecilho para referir-se ao tema.

Palavras-chave: Sexualidade, adolescência, escola, família.

Abstract

This research looks to describe how school and family are dealing with sexual education for teenagers, considering the difficulties of approaching this thematic in an open and assertive manner. Beyond the literature review, it was realized a qualitative field research, classified as descriptive as for the purposes. The results show different perspectives about this topic of discussion. The majority of the adolescents would rather talk about sexuality with friends or search the internet for occasional doubts, the

parents have a hard time trying to talk about this topic with their children, and the teachers report difficulty and fear of talking about sexuality in the classroom, recognizing the necessity of capacitations. It can be stated that the teenagers are ready for the extension and naturalization of sexual education, although the parents and the school are adverse in some aspects. Both family and school have shown the necessity of communication among them, but the school workers consider the family as a hindrance when this topic is mentioned.

Keywords: Sexuality, adolescence, school, family

1. Introdução

A adolescência é uma construção social que envolve mudanças físicas e emocionais, mudanças que podem ser drásticas, contudo, elas fazem parte de um processo complexo e longo de atribuições que envolvem competências cognitivas e sociais, além de influenciar na autoestima, intimidade e autonomia. Uma mudança física de bastante impacto na adolescência é a puberdade, onde é marcado o processo que leva a maturidade sexual. Os adolescentes, em seu cotidiano, vivenciam situações ligadas à sexualidade, situações que a escola e os pais na maioria das vezes reagem com hostilidade ou talvez com certa incompreensão.

O receio dos pais perante a as questões sexuais dos seus filhos estabelece um tabu difícil de ser quebrado. Os pais têm a intenção de proteger os seus filhos dos riscos que envolvem a iniciação sexual precoce, contudo, na maioria das vezes essa abordagem é feita como uma intimidação, ou até como uma ameaça ou então ela nem acontece; por isso eles transferem essa responsabilidade para a escola. A escola, por sua vez, se apresenta isenta e muitas vezes despreparada para a educação sexual (Nothaft et al, 2014). De fato, a *sexualidade* não deve ser *tratada* apenas como um problema a ser controlado, e sim como uma importante parte da formação dos jovens e adolescentes.

Assim, apresenta-se a pergunta que norteia este trabalho cientifico é: Sexualidade na adolescência: como a escola e família têm lidado com este tema?

Nesse sentido, o objetivo principal deste estudo é elucidar os desafios e avanços nas escolas e nas famílias na educação sexual dos adolescentes. Especificamente pretende-se descrever como família, a escola e o aluno lidam com a sexualidade na adolescência; apresentar possíveis consequências da falta de informação sobre a sexualidade nesta etapa de desenvolvimento; analisar subsídios para possíveis avanços na educação sexual dos adolescentes.

Ruivo et al (2014, p. 253) afirmam que “os pais se sentem constrangidos em falar sobre assuntos que envolvam a sexualidade com seus filhos, por também não terem sido educados pelos seus pais”. Estes preceitos carregados de tabus fazem com que a família e escola encontrem dificuldades para abordar tal temática, tornando necessária uma abordagem que leve em consideração as questões relacionadas à ética, valores, tabus, preconceitos, culturas, relações de gênero e poder, pois a adolescência é uma fase repleta de novidades e os adolescentes precisam de apoio, escuta e acesso à informação.

É possível destacar algumas implicações da falta de orientação e dialogo, como a gravidez na adolescência, não uso ou desconhecimento de métodos contraceptivos, falta de conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis e diversas

dificuldades em lidar com as próprias questões sexuais e/ou de gênero. Estas implicações, por sua vez, podem gerar uma série de consequências biopsicossociais, que por prejudicar o desenvolvimento do adolescente, logo irão influenciar negativamente a vida adulta.

Além disso, os ambientes de socialização dos adolescentes costumam ignorar ou reprimir as questões relacionadas à diversidade sexual, sendo que esta é a fase de questionamentos, dúvidas e descobertas. Desta forma, é dever da psicologia problematizar e adaptar métodos e abordagens para que a sexualidade na adolescência perca seus estigmas e seja tratada com a devida seriedade.

2. Metodologia

Para realização deste estudo, quanto aos procedimentos técnicos, além da revisão de literatura foi realizada pesquisa de campo classificada como descritiva quanto aos fins, de abordagem qualitativa, no qual buscou elucidar os desafios surgidos nas escolas e nas famílias sobre a educação sexual dos adolescentes. Para preservar pessoas e instituições na divulgação dos dados, optou-se por não caracterizar a instituição e o município.

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas públicas de dois municípios do Vale do mucuri – MG. O critério de escolha destas instituições se deu por atenderem adolescentes do ensino fundamental II ao ensino Médio na rede pública estadual de Minas Gerais, contemplando a faixa etária definida (14 e 17 anos).

Por envolver seres humanos, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil, sendo encaminhado ao CONEP e submetido à avaliação do Conselho de Ética e Pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo CEP conforme o Parecer Consubstanciado número 6.094.512. (ANEXO I)

Participaram da entrevista (APÊNDICE B), 12 alunos (mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A); sendo 6 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, cursando 9° ano do ensino fundamental e 3° ano do ensino médio; os respectivos pais ou responsáveis destes adolescentes também foram entrevistados e 12 professores responderam ao questionário (APÊNDICE C).

A coleta de dados foi feita de maio a julho de 2023, utilizando os seguintes instrumentos: questionário e entrevista semiestruturada. Tais instrumentos foram aplicados pelas próprias pesquisadoras e respondidos individualmente. A opção por esse procedimento possibilitou a obtenção de dados qualitativos e quantitativos, garantindo uma maior fidedignidade dos resultados. A entrevista individual (gravada e posteriormente transcrita) foi realizada em um local com condições favoráveis, como: luz apropriada, arejado, sem interrupções e silencioso.

Os dados foram tabulados manualmente (com auxílio do Excel e Word) submetidos a tratamento analítico. O tratamento dos dados teve base na argumentação indutiva, que parte da experiência particular para chegar a enunciados universais, levando a conclusões cujo conteúdo excede os das premissas. Visou os seguintes desfechos: a- primário: descrição da forma como a família, a escola e adolescentes lidam com a sexualidade na adolescência; b- secundário: identificação

de contribuições para possíveis avanços na educação sexual dos jovens, contribuindo com orientações que auxiliem na formação sobre a sexualidade na adolescência.

3. Revisão de literatura

3.1 Desenvolvimento na adolescência

A adolescência é uma fase compreendida entre a infância e a fase adulta, e segundo a Lei n.º 8.069, de 13/7/1990 do art. 2. ° do estatuto da criança e do adolescente, consideram-se adolescentes aqueles que têm entre doze e dezoito anos de idade, entretanto no Marco Legal Saúde, um Direito de Adolescentes, diz sobre a importância de se considerar as questões biológicas, psicológicas e sociais no momento de se conceituar a adolescência e juventude. Nessa fase ocorrem muitas mudanças biopsicossociais, que podem gerar tensões tanto internas quanto externas (BRASIL, 2007).

Calligaris (2009), caracteriza a adolescência como uma fase repleta de contradições, onde o indivíduo perdeu a graça infantil que lhe concedia a proteção, amor e disposição a todo o momento dos adultos. Agora é alguém cuja sociedade pede que tenha atitudes e pensamentos maduros e independentes tal qual um adulto. Em contrapartida, esse mesmo adulto impõe o que o autor chama de moratória, que freia esse adolescente, que não sabe se deve verdadeiramente amadurecer e realizar o desejo dos adultos e assim ser reconhecido pelos mesmos, ou se deve esperar mais tempo para agir tal como exige a sociedade por medo de ver seus desejos reprimidos sendo expostos.

Por outro lado, Calligaris (2009, p.73) também traz que “a adolescência é o ideal coletivo que espreita qualquer cultura que recusa a tradição e idealiza a liberdade, independência, insubordinação etc”, suscitando a ideia de adolescência como um ideal cultural, o qual é admirado tanto pelas crianças que anseiam chegar nessa fase e também como um ideal para os adultos que desejam ser pares dos adolescentes e veem a adolescência como um momento de gozo sem muitos impedimentos.

Na adolescência há perdas muito significativas, um luto pela infância perdida: o corpo em novas fases de mudanças, a personalidade começa a se moldar e se distanciar das vontades e valores dos pais. Aberastury (1981) evidencia que as mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Os adolescentes passam por essas perdas (perda do corpo e da identidade infantil, dos pais da infância), mas os pais também vivenciam esse luto, sofrem com a mudança dos filhos, com a contradição, a diferença, com as novas descobertas e independência.

Os pais apresentam essa resistência ao crescimento dos filhos por diversos motivos, como já citados. Contudo, vão começar a avaliar as suas conquistas e os seus fracassos. Aberastury (1981, p.16) traz que “o filho é a testemunha mais implacável do realizado e do frustrado. Só quando pode identificar-se com a força criativa do filho, poderá compreendê-lo e recuperar dentro de si a sua própria adolescência”.

A ambivalência dos pais perante a essa mudança, fazem os seus filhos sentirem desprezo, por eles e por toda a sociedade que ainda age de forma hostil perante a mudanças. Por esse motivo, o desprezo pode surgir, acompanhando talvez de uma desilusão daquilo que deixou de ser idealizado.

É esperado que o adolescente busque pela autoafirmação e por uma identidade própria, tendo mais interesse em tornar-se independente e formar sua personalidade, deixando um pouco de lado ideias e conceitos pré-estabelecidos pelos pais ou cuidadores, que até então tinham como primordiais, mas que a partir dessa fase passam a buscar apoio e estabilidade em seu grupo de convívio, além de passar a ter interesses em satisfazer novos desejos, como os sexuais.

Junto a todas essas questões soma-se a puberdade, momento marcante da adolescência que se caracteriza pela aceleração o crescimento físico, mudança da composição corporal, eclosão hormonal e evolução da maturação sexual. Esse momento é universal e ocorre em todos os indivíduos de forma parecida, entretanto a adolescência é um fenômeno singular que se altera de acordo com fatores socioculturais que vão se firmando por meio de alterações constantes de caráter social, sexual e de gênero (BRASIL, 2007).

Aos adolescentes são apresentados diversos conteúdos sobre sexualidade, principalmente pelas mídias e pelos grupos sociais nos quais estão inseridos, tais como: Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), a gravidez na adolescência, drogas, dentre outros. No entanto, mesmo com todos esses meios, os adolescentes ainda têm pouco acesso a informações fidedignas, além da qualidade duvidosa na forma como o conteúdo é veiculado (OLIVEIRA et al, 2013). Assim sendo, a família e a escola podem e devem ser importantes redes de apoio e informação acerca da sexualidade para esses adolescentes.

3.2 Sexualidade na adolescência

No que se refere a sexualidade, FREUD (1905) propôs em sua teoria as fases do desenvolvimento psicossexual em cinco estágios: oral, anal, fálico, latência e genital. Cada estágio representa a fixação da libido em uma área diferente do corpo. Contudo, é após a puberdade que acontece a realização da sexualidade genital, que é a fase do desenvolvimento biológico e psicológico onde a energia libidinal retorna aos órgãos genitais. É na adolescência que se começa a buscar formas de satisfazer suas necessidades sexuais, é em meio a toda essa descoberta que o adolescente vai tentando nomear e nortear todos os seus sentimentos e desejos.

Alvaro Creston em seu livro “Sexualidade Adolescente & Construção do Conhecimento” aponta importantes reflexões sobre a sexualidade na adolescência e as suas descobertas:

> É na adolescência que a descoberta da sexualidade assume sua maior pujança, despertando no jovem grande interesse. Nesta etapa da vida, além de teoria, os jovens querem saber sobre questões práticas, coisas que começam a fazer parte do seu dia-a-dia. Anseiam por informações precisas a respeito de namoro, masturbação, relacionamento sexual, gravidez, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, e outras. Basicamente buscam esclarecer dúvidas geralmente respondidas de forma confusa e incompleta, o que dá margem a todo tipo de preconceitos e ideias errôneas sobre sexo. (2000, p. 39).

Muito se discute a importância do diálogo sobre a sexualidade no contexto familiar, tendo em vista que há uma incerteza e um grande receio dos pais quanto ao assunto. Nesse sentido, pode acontecer de a família não conversar com os filhos sobre sexo, porque acreditam que esse diálogo servirá de estimulo ao início da

atividade sexual precoce. Por esse motivo, prologam essa conversa ou até mesmo transferem essa responsabilidade para a escola; contudo muitas vezes, não apoia essa discussão na mesma. A escola, no que lhe concerne, às vezes se isenta e as discussões sobre a sexualidade se mostram escassas. Na realidade falar sobre sexualidade continua causando muitas contestações, até mesmo nos dias de hoje

Além disso, destaca-se que os conteúdos sobre sexualidade, na maioria das vezes são abordados de maneira superficial, dificultando a construção de conhecimentos sobre o assunto. O ambiente escolar é um lugar onde os adolescentes passam grande parte do seu dia, um espaço que promove conhecimento, onde eles também expressam seus sentimentos, medos e dúvidas. Portanto um espaço que deve gerar segurança para que as reflexões e discussões expandam a compreensão de questões importantes como a sexualidade. Contudo, a educação sexual nas escolas envolve uma dinâmica mais especifica, envolta de habilidades didáticas e disponibilidade para a escuta desses sujeitos.

> Esses elementos parecem ainda estar regulados a partir de uma ênfase marcada pelo campo das ciências biológicas e naturais, priorizando ensinamentos que envolvem as questões do corpo e seu funcionamento, mostrando a sua desarticulação com os interesses específicos dos próprios adolescentes. (Nothaft et al, 2014, p. 285).

Enquanto na escola a sexualidade ainda é trabalhada em uma perspectiva de risco, trazendo somente a base da promoção de saúde sexual e prevenção da gestação e de doenças; em casa, os adolescentes encontram resistência em dialogar com seus pais. Na maioria das vezes, por receio, devido às atitudes repressoras destes. Esse preconceito pode impedir o adolescente, de até mesmo, buscar aprender sobre o assunto. Dessa maneira, procurar os pais se torna algo inviável, pois o assunto referente à sexualidade pode estar relacionado à proibição do sexo, e tons de ameaça, tornando a conversa em família algo desagradável ou até mesmo improvável.

Barbosa et al (2019) evidencia como o tema sexualidade é tratado pelos responsáveis, escola e os próprios adolescentes a partir de uma abordagem ligada apenas aos aspectos biológicos e reprodutivos. Nas escolas esse conteúdo se apresenta com maior frequência nas aulas de ciência e biologia, o que não condiz com o conceito científico do termo, que perpassa por outras dimensões do indivíduo, como as sociais, culturais e psicológicas.

Além disso, Pontes et al (2014) aponta, a partir de entrevistas realizadas com adolescentes em uma escola do município de Campina Grande, que 85% dos entrevistados aprenderam sobre questões relacionadas à sexualidade principalmente com amigos, internet e televisão; o que pode estar relacionado a dificuldade de comunicação entre pais e filhos, muitas vezes provocada pelo distanciamento do adolescente em busca de sua própria identidade e pela dificuldade de falar sobre o tema, que também é encontrada nas escolas.

3.3 Consequências da falta de informação

Na adolescência surgem descobertas e ao mesmo tempo muitas dúvidas. E a partir do momento em que os pais e escola se isentam ou se mostram fechados para a temática da sexualidade, os adolescentes podem buscar respostas para suas questões com terceiros: pessoas amigos da mesma idade, mídias sociais, ou fontes

não confiáveis nas quais os conteúdos que podem vir carregadas de tabus e preconceitos. Ademais, existem aqueles que não têm acesso a esses conteúdos nem por esses meios, por se encontrarem em situações de vulnerabilidade, gerando consequências ainda mais preocupantes.

Informações consistentes e confiáveis acerca desse tema são de muita importância e podem evitar que adolescentes passem ou sejam expostos a situações de risco. Tal temática é importante e engloba outros desdobramentos a nível de consequências, como sobre o uso de métodos contraceptivos que apesar de serem conhecidos por muitos, ainda são muito negligenciados ou usados, muitas vezes, de forma inadequada. A título de ilustração, “adolescentes acreditarem que o coito interrompido funciona como um método contraceptivo sendo que este é uma prática que não previne a gravidez nem a transmissão de ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis)” (RUIVO et al, 2014, p.252)

Consequente a esse não uso, ou uso inadequado dos métodos contraceptivos, pode-se citar as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), mesmo que os adolescentes tenham o conhecimento básico sobre o assunto, ainda existem muitas dúvidas, bem como uma falta de prevenção adequada. Outro ponto é a gravidez na adolescência, com maior incidência em populações de baixa renda, afetando completamente a vida dessas adolescentes; podendo levar a evasão escolar, transtornos psíquicos decorrentes dessa gravidez, problemas financeiros, dentre outras questões. Todos esses fatores que poderiam ser evitados ou minimizados por meio de diálogo, fornecimento de informações adequadas, acolhimento e escuta das angústias e respeito à palavra desses sujeitos.

> Os altos índices de gravidez na adolescência comprovam o não uso ou o uso inadequado dos métodos contraceptivos por adolescentes. Este é um assunto de grande relevância, tendo em vista a vulnerabilidade às ISTs, em especial à AIDS, tão difundida em nosso meio. (RUIVO et al, 2014, p.252).

3.4 Apontamentos importantes na educação sexual dos adolescentes

A partir do exposto, é importante que se pense em possíveis ações a partir dos déficits apresentados no que tange a propagação de informações sobre sexualidade na adolescência. É preciso que a família e escola se atentem a subjetividade desses sujeitos, considerando suas dúvidas, desafios, conflitos e se colocando em posição de rede de apoio e fonte de informações seguras; não com intuito de punir, mas de tratar desse assunto que faz parte das vivências do adolescer. Ressalta-se a importância do diálogo, permitindo que o adolescente se sinta escutado e que sinta confiança para poder se expressar e tirar suas dúvidas sobre o tema.

É importante pontuar os autocuidados, estimulando os jovens a reconhecerem a necessidade de se cuidar. Às meninas, a importância de realizar exame ginecológico, considerando que tanto as meninas quanto os meninos se privam desses cuidados por vergonha. Isso pode contribuir com o aumento das limitações que envolvem esse tema: a vergonha, o medo e outras vulnerabilidades que advém principalmente da sociedade e o seu preconceito.

Além disso, é muito importante abordar o tema orientação sexual, buscando considerar a sexualidade como algo natural a vida e a saúde, estabelecendo relação direta do prazer ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Importante compreender as relações de gênero, podendo assim respeitar o outro e a si mesmo,

entendendo a diversidade dos valores, crenças e sentimentos, visando proporcionar a superação de preconceitos que estão enraizados na sociedade.

> Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o "ficar" e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura (BRASIL, 2001, p.293).

Além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que institucionalizam a temática sexual como transversal, isto é, trabalhando a sexualidade de uma forma multidisciplinar em todas as disciplinas escolares (FREITAS, 2021, p. 11), há também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que apresentou temas referentes a sexualidade. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante que a escola amplie o conhecimento dos alunos sobre o tema, abordando diversos parâmetros que envolvem a educação sexual, para além das mudanças que ocorrem no corpo durante a puberdade, os métodos contraceptivos para prevenção de gravidez e infecções sexualmente transmissíveis (IST), enfatizando os sintomas e também o tratamento, levando em consideração que adolescentes com IST´s já são uma realidade, um problema de saúde pública.

O papel da família e escola de informar de maneira eficiente e clara não é uma tarefa fácil, exige fonte de informações seguras e livres de julgamentos de valores. A psicologia pode contribuir na disseminação de informações, não só para os adolescentes, mas também para os pais ou cuidadores e para escola, impactando positivamente na promoção de saúde, como também na educação sexual.

Amaral, et al (2017, P. 63) afirma que "discutir gênero na adolescência é imprescindível para entender as relações estabelecidas e como isso se reflete na vivência da sexualidade, contracepção e construção de suas identidades".

4 Resultados e Discussão

Antes de apresentar os principais resultados considerando os objetivos deste estudo, cumpre apontar algumas percepções do campo:

No município A, inicialmente, buscou-se por uma escola que se mostrou solícita, mas colocou os pais como empecilho para realização da pesquisa, pois segundo a vice-diretora, estes não se fazem presentes recomendando que buscasse por outro campo. Em outra instituição, a supervisora autorizou a realização da pesquisa, mas posteriormente a diretora discordou por considerar que não era permitido liberar o acesso aos alunos. Na terceira escola foi autorizado, mas houve questionamento por parte da direção sobre o que exatamente seria abordado sobre a sexualidade na adolescência, porque na escola só trabalhavam o corpo humano nas aulas de ciências e que até isso era complicado, pois muitos pais não gostam, inclusive a escola envia bilhete para informar sobre essas aulas.

Dos adolescentes aos quais foram apresentados a proposta um se negou imediatamente ao ficar sabendo do tema, outros dois que haviam se prontificado a participar desistiram posteriormente. Dos três novos convidados, uma menina não teve a autorização da mãe para participar.

Quanto aos pais, dois falaram com os filhos que não iriam participar por falta de tempo; outros dois pais não responderam às mensagens, e em outra tentativa também não deram retorno. Apenas uma mãe respondeu.

Dos professores contatados, um deles inicialmente se mostrou solícito a participar, mas teve dificuldade para responder a primeira pergunta por dizer se sentir constrangido, afirmando que por ser homem, professor de matemática seria difícil falar sobre sexualidade, e que não costuma tocar nesse assunto. A professora de história respondeu às perguntas, mas ao encerrar a gravação comentou que não gosta de falar sobre isso em sala de aula. Foi difícil contato com os demais professores por falta de respostas e disponibilidade dos mesmos.

No município B, não houve dificuldades no início da pesquisa de campo, a diretora foi muito solicita, contudo, três dos alunos escolhidos desistiram. Uma adolescente antes de desistir explicou o motivo, conversou e disse que não daria conta de falar sobre o assunto, ainda sugeriu uma outra colega, que aceitou participar. Posteriormente, as dificuldades aparecem em falar com os pais: duas mães se propuseram a conversar pessoalmente e tiveram tempo para responder, as outras duas preferiram por telefone, mas foram solicitas (as duas últimas entrevistas, as mães optaram por respostas mais diretas e curtas, fugindo um pouco de algumas perguntas).

Já com os professores optou-se por uma dinâmica diferente, aproveitando uma reunião do final do bimestre, realizou-se a entrevista com aqueles que aceitaram participar; rendendo uma roda de conversa com duração de mais de uma hora. Houve discussões muito importantes, observações muito assertivas sobre o tema.

Os apontamentos acima revelam uma dificuldade em acessar e dialogar com a escola e família quando se trata de assuntos relacionados à sexualidade, fato que dialoga com o que afirma CRESTON (2000), sobre a falta de apoio e orientação adequada que os adolescentes encontram ao iniciar suas experiências sexuais, trazendo a ideia de que a escola deveria vir para complementar à família sobre a educação sexual, e dizendo de como isso não acontece. Ele ainda acrescenta a perspectiva da existência de uma dificuldade por parte dos adultos para lidar com sua própria sexualidade, assumindo uma postura conservadora, e assim perpetuando o que o autor coloca como uma “reprodução de vícios do passado”.

4.1 Educação sexual / sexualidade na perspectiva das(os) adolescentes

Para FAIAL et al (2016) a adolescência se caracteriza como a fase do ciclo vital entre a infância e a fase adulta. Neste período o adolescente vivencia significativas transformações corporais, emocionais, construção de novas relações interpessoais e a descoberta da sua própria identidade, são descobertas subjetivas de cada sujeito, narrativas distintas e únicas de diferentes fases da adolescência, essas descobertas também estão relacionadas a sexualidade. Este olhar está presente nos seguintes relatos:

> *“´É uma coisa que os professores podem ensinar para nós, mas que eles não ensinam, que acho que eles deveriam ensinar, mas se ensinou foi pouco, porque para mim eles não ensinaram ainda, não sei se vai ensinar depois, ou se já era para ter ensinado e não ensinou. Mas eu entendo que é reprodução humana, educação sexual fala sobre a reprodução humana, como ter filhos essas coisas”.* (Aluno D.14 anos; 9° ano. Fundamental)
>
> *“Pra mim é a forma que eu entendo de como eu devo agir na hora de fazer o sexo né, ter as orientações certas”.* (Aluna L. 14 anos; 9° ano. Fundamental)
>
> *"Assim. eu entendo o que me ensinaram tanto na escola como em casa que tem que respeitar e ser respeitada, tem que aprender a lidar com diferenças respeitar o outro, porque assim, normalmente tem muitas pessoas que cria isso que em casa tem muita gente que não*

> *conversa sobre a educação sexual, graças a Deus eu cresci podendo falar com meus pais, podendo me explicar conversar com eles no que eu tiver dúvida, mas muita gente, muitos adolescentes não têm e muitas das vezes eles acabam crescendo sem entender um pouco sobre o assunto."* (Aluna E. 17 anos; 3 ano E. Médio)
>
> *"No meu ver educação sexual é orientar um jovem para que ele possa não cometer algum erro, porque é muito comum na adolescência um jovem que não foi bem instruído engravidar uma outra jovem ou também tem o ponto de vista da filosofia sobre a educação sexual, nossa professora de sociologia já conversou com a gente sobre isso, sobre ter uma diferença entre orientação sexual e identidade de gênero".* (Aluno A. 18 anos, 3° ano; E. Médio)

Ao serem questionados sobre a quem costumam recorrer quando tem dúvidas acerca da sexualidade, alguns adolescentes afirmaram que recorrem a mãe quando surge alguma dúvida. Contudo, se o assunto for mais íntimo eles preferem conversar com os amigos ou pesquisar no Google. Outros já preferem conversar com a psicóloga sobre as questões relacionadas à sexualidade.

Quanto ao diálogo sobre o tema com os familiares, relataram que existe em casa, alguns mostraram mais intimidade com a mãe e outros preferem falar somente o que for necessário. Percebe-se uma diferença entre os relatos dos adolescentes de 17 anos e dos adolescentes de 14 anos. Há uma presença maior dos pais em relação a esse diálogo com os adolescentes de 14 anos que foram entrevistados.

É possível observar esse fato em um dos relatos, do Aluno A, 3° ano:

> "A gente já conversou quando eu era mais novo sobre orientação sexual. Só que depois que eu entrei na adolescência acho que em torno dos 15 anos nunca mais a gente viu a necessidade de falar sobre isso, porque tipo eu já sei de tudo então fica de boa".

Em relação à comunicação sobre essa temática na escola, declararam que na maioria das vezes o diálogo se dá em palestras ou em aulas de ciências biológicas. Muitos falaram sobre a confiança que sentem em alguns professores e recorrem a eles quando as dúvidas aparecem. Contudo, ainda não é algo dito de forma ampla e dependendo do assunto pode causar desconforto. Por outro lado, afirmaram que no grupo de amigos e colegas a conversa acontece de uma maneira espontânea e com brincadeiras. Entretanto, existem momentos onde eles descobrem juntos e compartilham as novas descobertas, mas nem todos se sentem à vontade para conversar sobre sexualidade com os amigos.

4.2 O olhar das (os) Professores sobre a Sexualidade na Adolescência

Questionadas (os) sobre a compreensão da educação sexual e o trabalho com a temática no ambiente escolar, as (os) educadoras (es), entendem como sendo preparar e orientar os alunos para assuntos relacionados a sexualidade. Expressam dificuldade de falar desse assunto em sala de aula devido a tabus que resultam em receios de serem mal interpretados, não aceitação dos pais e um sentimento de despreparo em relação ao tema. Alguns professores expressam interesse por capacitações sobre o assunto e relatam buscar inserir esse tema nos conteúdos ministrados e percepção da existência da necessidade de se abordar esse tema com mais frequência e que os alunos têm um interesse crescente por assuntos relacionados à sexualidade.

Nesse sentido, BARBOSA et al (2019), postula que esse tema ainda é visto como um tabu para muitas famílias, o que como afirmaram alguns educadores, torna difícil a abordagem desse assunto em sala de aula. Sendo assim é necessário o trabalho com os educadores desde sua formação acerca deste tema, visto que a educação sexual é de suma importância no contexto escolar e contempla os aspectos biopsicossociais.

As afirmações das (os) educadoras (es) no quadro abaixo revelam um certo despreparo e falta de pensamento crítico, principalmente dos professores da escola do município A, sobre a sexualidade. A maioria dos professores se mostraram desinformados acerca das diversas vertentes que o tema sexualidade apresenta, confundindo os temas educação sexual e orientação sexual, por exemplo. Outro ponto observado foi como a escola B se apresenta mais aberta ao diálogo sobre sexualidade com os alunos.

QUADRO 1: Percepções e práticas dos professores sobre a sexualidade.

Estratégias Utilizadas para discutir Sexualidade	**Busca de Orientação pelos adolescentes**	**Consideração das diversas vertentes da sexualidade**
*"A questão da educação sexual na escola ela é deturpada entre nós mesmos (...) a escola precisa quebrar uma barreira de não conseguir dialogar com a família, trazer mais a família para o diálogo, por exemplo, tem alunas do 3° ano que compartilha cartelas de anticoncepcional, mas não tem coragem de falar com a mãe que estava precisando (...), essa visão de que a escola quer ensinar conceitos de orientação sexual e não de educação sexual, termos que os próprios professores confundem. Orientação sexual é algo inerente ao ser humano e educação sexual é algo que nos cabe como professor, que é algo mais amplo, como por exemplo, ensinar a criança sobre o seu corpo, onde pode tocar e onde não se deve, e tem famílias que não falam sobre isso" (*Prof. Português, 3° ano)	*"Os meninos continuam com a visão que camisinha retira a masculinidade, as meninas, que cartela de anticoncepcional pode ser compartilhada e medo de falar sobre o assunto em casa. Quando eles acham uma brecha eles perguntam, sempre tem uma explosão de choro ou de agressividade em sala de aula e sempre tem algo por trás, e nós acolhemos, há muito informação lá fora e eles são mal orientados e a escola se torna um porto seguro, pelo menos para um pedido de socorro. (*Prof. Português, 3° ano)	"*Teve um projeto ano passado onde eu fiquei responsável com o tema sexualidade e os alunos deram um show, com poemas, eles criaram um desafio de perguntas e respostas, colocaram a bandeira LGBTQIAP+ na porta, então eles têm essa liberdade de serem esses protagonistas. É uma forma criativa que eles têm de estar contribuindo e nós professores estamos como orientadores, mas quem faz a diferença na escola são os alunos"* (Prof. Matemática, 3° ano)
*"Uma estratégia que eu utilizei e que eu achei muito bacana com os alunos, foi assistir alguns filmes que abordam questão de sexualidade" (*Prof. Sociologia, 3° ano)	*"Muitas vezes eu nem preciso abordar sobre a sexualidade, só a maneira que eu sou em sala de aula já o deixa seguro para me procurar. Tem muito aluno sofrendo, mas também tem muitos pais gritando por socorro, por não saber o que fazer. Da mesma forma que tem professores que não conseguem lidar, devido a religião e do contexto familiar, a questão da tradição é tão forte que ele não consegue ajudar de uma forma positiva o adolescente"* (Prof. Historia, 3° ano).	"*Aqui já tivemos uma aluna que quando falou com a família foi brutamente agredida (...). Ela foi muito agredida fisicamente, na época foi muito difícil. Em contrapartida uma mãe me procurou e me contou com mais tranquilidade sobre a homoafetividade da filha" (Diretora, 3° ano).*
"*Então, eu ainda não tenho assim uma estratégia, os assuntos abordados são quando eu falo de índio, começo a falar que o índio não tem a malícia, que já é da cultura deles conviver nus"* (Prof. História, 9° ano)	*"No meu caso é pouco comum pelo fato do conteúdo, eu acredito que o conteúdo de ciência e biologia eles tem mais essa curiosidade aí" (*Prof. Historia, 9° ano).	"*Eu acho que tem que partir das escolas, é lógico que tem que partir de casa né, mas tem que partir das escolas, tem que ser um conjunto, a escola apoiando os pais, os pais apoiando a escola porque realmente é um tema hoje que é muito abordado, a questão da orientação, o aluno hoje do 7° do 8° ano ele ainda não sabe ao certo qual vai ser a linhagem que ele vai seguir, se vai gostar de homem, se vai gostar de mulher, então eu acho interessante a gente tentar promover*

		*projetos pra né fazer com eles já percebam isso aí" (*Prof. História, 9° ano)
*"Eu costumo abordar quando a gente trata de temas relacionados, por exemplo, o papel da mulher na história, como que foi a luta dos direitos femininos, por exemplo, para ingressar na política, para ingressar em diversos setores da sociedade e inclusive para lidar com esses temas que envolve a sexualidade feminina" (*Prof. História 2, 9° ano)	"*Olha, chegar dúvida sim, problemas pessoais sempre falam né, agora de sexualidade, "olha professora eu sou homossexual, estou sofrendo", eu nunca tive essa questão com aluno*" (Prof. Geografia 9° ano	*"Eu entendo que é deficiente quase não sobra tempo para falar sobre isso eu acho que é um trabalho que ainda precisa ser muito bem desenvolvido, nós professores precisamos de mais capacitação sobre isso, mas precisamos também de tempo para fazer essas capacitações que é o que a gente não tem" (*Prof. História 2, 9° ano)

Fonte: a partir dos dados da pesquisa

4.3 A Educação Sexual da (o) Adolescente na Ótica das Mães /Pais

A sexualidade é um desafio para os adolescentes, mas também para os pais. Essa temática é uma das transformações na adolescência, e exige uma nova postura dos pais e dos adolescentes. Sobre os questionamentos que surgem sobreo tema, os autores Rocha e França (2013) afirmam que existe uma incerteza dos pais ou responsáveis quanto à possibilidade de um diálogo sobre educação sexual com os seus filhos, por medo ou por falta de informações necessárias e seguras. Entretanto, esse diálogo pode acontecer. Alguns pais ou responsáveis destacam a importância e a preferência dessa conversa em casa, com a família. As respostas abaixo indicam a existência de diálogos sobre a sexualidade:

> "É.. como se dá o diálogo... é bem tranquilo, eu faço perguntas pra ela, por exemplo se alguém já tocou ela assim né, porque fora de casa a gente nunca sabe né. É bem tranquilo, a gente tem uma abertura bem legal em relação a isso (...) eu penso que é necessário fazer essa função, a família que tem que fazer essa função para que não aconteça de aprender errado lá fora, então é mais fácil aprender em casa da maneira correta, minha preocupação é essa, o medo de aprender errado, de fazer errado, por isso eu acho necessário a família está fazendo essa abordagem, melhor que outras pessoas estranhas. ". (Mãe da Aluna L; 9° ano. Fundamental)

> "Aqui em casa eu falo sobre a sexualidade, porque eu prefiro falar com eles em casa. Sempre vai ter uma situação que eles vão escutar na rua ou na escola só que eu prefiro falar. Então tem a necessidade, e como tem que aprender que seja nós, que somos os pais. E falar sobre isso aqui em casa sempre foi muito tranquilo". (Mãe da Aluna E; 3° ano E. Médio)

> "É bem tranquilo, a gente conversa sobre o assunto, nunca tivemos nenhum tabu sobre a sexualidade. Percebi a necessidade de falar sobre o assunto quando os meus meninos chegaram em uma certa idade(...)E o homem é mais complicado falar sobre esses assuntos, mas com o meu mais novo eu não tive muita dificuldade, e também tem a questão da internet. " (Mãe do Aluno A; 3° ano E. Médio)

Há de se considerar que a vergonha é algo existente em conversas sobre sexualidade. Quando questionadas sobre essa possível restrição, algumas mães responderam que não sentem vergonha; que às vezes os filhos ficam um pouco

acanhados, mas com cautela a conversa acontece de forma tranquila. Outras relataram sentir um pouco de receio, mas que é possível lidar com a timidez e conversar com os filhos.

Em relação aos questionamentos dos adolescentes, relataram que acontecem com pouca frequência. E que os adolescentes mais novos costumam perguntar mais sobre o assunto. Algumas mães responderam que seus filhos homens, depois de um tempo, acabam não perguntando nada sobre sexualidade, resolvem sozinhos. contudo, as mães das meninas entrevistadas relataram que os questionamentos acontecem, no entanto, não abertamente. Além disso, essa temática pode ser considerada de cunho restrito para muitos; e ao serem questionadas se os filhos evitam falar sobre o assunto em casa, a maioria das respostas foi “sim”. Muitos por vergonha, o que faz com que optem por conversar sobre os assuntos com os colegas ou até mesmo pesquisar na internet.

Quando questionadas sobre a discussão em relação à sexualidade nas escolas, as opiniões foram diversas, trazendo várias observações de como deve acontecer. Todas as mães concordaram sobre a importância da existência do diálogo nas escolas, porém algumas disseram que deve acontecer, mas com cautela. Outras falaram sobre a importância da existência do tema desde a infância, relataram sobre ser um ambiente onde seus filhos passam a maior parte do tempo e muitas vezes é para lá que eles levam os seus questionamentos. A este respeito, uma mãe faz o seguinte relato:

> “Eu acho que deve ser discutido na escola, porque as vezes os adolescentes fazem perguntas ali naquele ambiente que nem faria para nós, os pais (...) A questão da escola é complicada, nós achamos que a escola é obrigada a tudo, muitas famílias jogam a responsabilidade nas escolas, e não é bem assim, é necessário um diálogo entre a família e a escola, que é um lugar onde vai emergir muitas coisas. Devemos ver a sexualidade com naturalidade e não banalidade, devemos ver como forma de prevenção também”. (Mãe do Aluno A; 3° ano E. Médio).

5. Conclusão

Essa pesquisa buscou compreender o modo como a escola e família lidam com o tema da sexualidade na adolescência, considerando que a forma como essa troca se dá interfere diretamente em como esses adolescentes receberão e entenderão os aspectos envoltos nesse tema. Pode-se observar um déficit em comunicação assertiva dos adultos para com os adolescentes, por desconhecimento sobre o tema ou considerá-lo um tabu. Notou-se ainda, receio de serem mal interpretados, vergonha por parte dos adultos e dos adolescentes, falta de comunicação entre escola e família, visto que, a escola cita os pais como empecilho para trabalhar com o tema, enquanto as mães falam da importância do dialogo sobre sexualidade na escola.

Na escola B os alunos do 3° anos demonstraram maior entendimento e abertura e maturidade para falar sobre o tema, mas também há de se considerar a abertura ao debate proporcionada pela escola. Entretanto, percebe-se que os pais da escola B, tratam o assunto com conformismo e naturalização da falta de diálogo a partir de certa idade. Já na escola A, os alunos do 9° ano não discutem muito sobre a temática, os professores se mostraram menos preparados e grande parte dos pais/responsáveis se recusaram a participar da entrevista, fazendo com que se presuma uma possível dificuldade de lidar com a temática.

Diante disso, pode-se inferir que todas essas lacunas resultam em falta de rede de apoio segura, contribuindo para um desconhecimento e negligência do tema sexualidade, resultando em muitos desencontros e desamparos; presente em um dos relatos, onde a professora fala do compartilhamento da cartela de anticoncepcional por parte das adolescentes, por não terem coragem de dialogar com os responsáveis sobre a necessidade.

Deste modo, a psicologia tem muito a contribuir nesse processo de construção e desconstrução, estando junto da escola, da família e dos adolescentes nessa fase carregada de dúvidas, descobertas e reconstruções para ambas as partes. Ressalta-se a importância de se pensar nas solicitações dos professores sobre as capacitações acerca do tema. Para além deles, é necessário incentivar a família para também fazer parte desse processo de aquisição de conhecimento e quebra de conceitos e preconceitos errôneos, como muitos apresentaram, ao confundirem orientação sexual e educação sexual, por exemplo. Especial relevo deve ser dado à maior abertura de espaço para que os adolescentes se expressem e dialoguem sobre suas questões.

Referências

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **A adolescência Normal**: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981. 92 p.

AMARAL, Alice et al. Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa. **Revista Enfermagem Contemporânea**, [*s. l.*], p. 62-67, 24 abr. 2017.

BARBOSA, Luciana et al. O Silêncio da Família e da Escola Frente ao Desafio da Sexualidade na Adolescência. **Ensino, Saúde e Ambiente** , [*s. l.*], v. 12, p. 31-49, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco legal: Saúde, um direito de adolescentes**. [*S. l.*], 2007.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Orientação Sexual**. 2º SEMESTRE 2001.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. 81 p.

CRESTON, Alvaro. **Sexualidade adolescente e construção de conhecimento**. Juiz de Fora: Feme, 2000. 120 p.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei n.º 8.069, de 13/7/1990**. [*S. l.*], 1990.

FAIAL , Ligia et al. A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. **Pró-UniverSUS**, [s. l.], p. 22-29, 2016.

FREITAS, Gabriela. **Orientação sexual na base nacional comum curricular e no referencial curricular do estado do Paraná**. Santa Helena, 2021.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. [*S. l.*]: Companhia das letras, 1905. v. 6.

NOTHAFT, Simone et al. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: Possibilidades para práticas educativas. **Revista mineira de enfermagem** , [*s. l.*], p. 284-289, 2014.

OLIVEIRA, Karla et al. Educação sexual na adolescência e juventude: abordando as implicações da sexualidade no contexto escolar. **Sanare**, [*s. l.*], v. 12, p. 7-13, 2013.

PONTES, Maiary et al. Comunicação entre pais e adolescentes acerca da sexualidade. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, [*s. l.*], v. 5, p. 2282-2293, 2014.

ROCHA, Marcelo et al. Gênero e sexualidade: Como os licenciandos em ciências biológicas concebem esses temas. **Ensino, Saúde e Ambiente**, [*s. l.*], v. 6, p. 21-34, 2013.1

RUIVO, Pablo et al. Vivências de pais adolescentes com o uso de métodos contraceptivos. **Revista de Enfermagem UFPE** , Recife, p. 249-256, 2014.